



PADRE POP

MOA SIPRIANO

m o a s i p r i a n o . c o m

PADRE POP

Moa Sipriano

A semana estudantil era carregada de compromissos desproporcionais e horários apertados para a realização de milhares de atividades, sendo que a maioria delas não passava de conhecimentos jamais assimilados, rebatidos por cabeças eternamente avoadas.

Acobertados pelo Oculto e o Dar de Costas, carregando nossas falsas identidades a encobrir nossas reais personalidades, a rotineira escapada de sábado até poderia ser maravilhosa, repleta de boas caças, muito sexo e cerveja, cerveja, cerveja.

Mas nada, absolutamente nada no universo era capaz de substituir o vasto leque de prazeres degustados durante nosso comparecimento à missa de domingo, na igreja das Torres Altas, bem ao centro da Cidade Cinzenta.

* * *

Dez da manhã. Hora de suspirar diante do espetáculo celestial.

Concentrado e sereno, ele surgia como que flutuando sobre o mármore brilhante. Suas vestes sagradas impecavelmente limpas, engomadas e cheirosas, induziam parte da plateia a uma série de pensamentos pecantes ao contemplar aquele corpo *mignon* de proporções exatas, onde peludos braços fortes e delicadas mãos brancas adornadas de dedos manicurados executavam os primeiros sinais em homenagem ao Altíssimo, dando início à Grande Cerimônia.

Um determinado grupo de fiéis cativos, todos razoavelmente discretos e estrategicamente acomodados nas primeiras fileiras de bancos de madeira escura, permanecia hipnotizado durante a performance do Padre Pop.

Sua voz, seus gestos, até mesmo o cheiro do perfume exclusivo – criado por monges beneditinos lá de Itapecerica da Serra – a exalar daquele corpo bailando em movimentos harmoniosos, brindavam olfatos sensíveis com a pura essência do Divino na Terra.

Quando chegava o momento de consumir o corpo e o sangue do Cristo, só a simples possibilidade de permanecer por microssegundos na frente daquele machobjeto de todos os desejos, encarando furtivamente aqueles lábios rosados – oh, meu deus! – já era motivo suficiente para que passássemos as próximas três horas manipulando nossos sexos em movimentos selvagens, solitários, trancafiados em nossos quartos imundos entranhados num universo irreal.

Todos os domingos, sem falhas, um “fiel” da nossa trupe era agraciado pela Sorte. O Escolhido desfrutaria o privilégio de passar meia hora exata na companhia do Padre Pop, assim que findasse sua obrigação litúrgica.

Permanecíamos em tensão constante (e tesão desafiante), loucos pelo segundo exato da Grande Revelação.

Sim, é a mais pura verdade. No decorrer da Sagrada Ceia, um era eleito para proporcionar prazeres platônicos ao santo padre.

Nós, os Iniciados de traços delicados e ainda cheirando a leite, conhecíamos muito bem o sinal: um esboço de sorriso monalístico seguido daquela quase imperceptível piscadela do olho direito.

O sorteado entrava num transe mais do que imediato, tentando manter o autocontrole o melhor que pudesse, aguardando entre nervos em frangalhos o término do teatro e o começo da deliciosa demência consentida.

Lembro-me que eu sempre ria ao observar os outros fiéis voltarem satisfeitos e encantados para suas vidinhas medíocres. Domingo que vem tem mais!

Fim da festa. Lágrimas de emoção. Louvado seja o Senhor... Padre Pop.

Pobres pecadores caminhando sobre ilusões, murmurando a ducentésima canção de louvor conduzida pela voz aveludada do delicioso popista.

Enquanto o povo escafedia-se da Grande Casa, acreditando que foi abençoado pelo Criador, o felizardo aguardaria num quartinho escuro para ser consumido pelo homem escolhido pela Providência para os mais sagrados desígnios... mundanos?

* * *

M. foi o privilegiado naquele domingo calorento de janeiro. Era a quarta vez, em menos de três meses, que aquele bambee de cabelo cor de chumbo tinha a honra de degustar a fartura de músculos, curvas, pelos e cheiros do Padre Pop.

Ah sim, é claro! Quase me esqueço de adverti-lo que o padreco havia terminado de gravar seu segundo álbum e já alcançara o tão almejado superpopismo, superando – com folga! – outros padres cantores que pipocavam sem parar naquela época conturbada, fora de prumos.

Padre Pop era extremamente metódico. Seu comportamento beirava o paranoico. Toda vez, antes do ato esfregacional, ele verificava o documento do Escolhido feito um alucinado sem memórias. Era necessário autenticar sua lascívia.

Nosso grupinho era imutável e mesmo assim acho que ele sentia o primeiro orgasmo logo que acariciava nossos “érregês”!

Havia uma fixação por esse tosco e desnecessário ritual. Descobri que a paranoia era embasada em fragmentos doloridos da sua adolescência mundana.

O padre de amendoados olhos castanhos perdera a virgindade aos quase treze. Fruto de uma “brincadeira” com o Cardeal Comunista numa das celas da Vila Kostka, lá em mil novecentos e bolinhas naftalínicas.

Ambos ficaram na sacanagem durante vários “retiros espirituais” no período exato de um ano.

O padre de voz e expressões hoje suaves adorava os rapazotes isentos de pelos no peito e nas coxas, talvez para não competir com a fartura de fios negros que cobria cada centímetro do seu transparente corpo de medidas impossíveis, esculpido dia a dia através de alongamentos vigorosos e pedaladas constantes naquele famoso parque da Grande Cidade.

Padre Pop só transava (esquisito) aos domingos – todos os domingos! – sempre depois da missa, tão logo conseguisse se desvencilhar dos fiéis mais afoitos.

Nosso grupo era composto de oito gays que frequentavam assiduamente a Igreja. Todos muito fervorosos, religiosos e discretos – *alôka!*

Filhos desonrados de honradas famílias.

Muitas fêmeas ousavam conquistar a atenção do belo homem em formação. Porém, a elas era dado o direito de um beijo fraternal e, vá lá, um autógrafo no último CD. Nada, além disso. Coitadas frustradas... imaginar que suas vulvas permaneceriam em eterna combustão.

Havia raras ocasiões em que ele gostava de namorar. Aquela coisa chatinha de ficar abraçado por longo tempo e trocar demorados dois ou dez beijos conturbados, sempre de lábios lacrados, enquanto permanecia em transe observando a imagem do Cristo crucificado mofando atrás de uma moldura de madeira centenária.

Eu acumulava esse azar. Comigo, quando sorteado, cabia apenas selos e abraços. Nunca senti o gosto do seu sexo, apesar de numa única ocasião eu ter tido a honra de apalpar suas nádegas alvas, macias, cuja textura da pele bem cuidada me remetia sempre ao sabor, toque e cheiro do pêssego mais aveludado.

Noutras vezes, o homem era possuído por algo selvagem, onde sua vítima juvenil sentia por meia hora exata o peso da segunda personalidade cavalcando sobre seu corpo indefeso.

Sem penetração. Só esfregação!

Pelo que me consta, até o suor bem temperado do filho de uma santa era delicioso no gosto, na densidade e no aroma.

Ele jamais, jamais mudava de posição e nunca, nunca usava preservativos! Afinal de contas, ele tinha um pau sagrado abençoado por Deus e bonito por natureza.

Em raríssimas sessões, o santo homem buscava mais do que uma companhia ao mesmo tempo.

Quando isso acontecia – geralmente em datas especiais, como no seu aniversário, em abril –, o dono de uma timidez intrínseca adorava ficar se tocando num canto daquele quatinho secreto, folheando uma caquética Alone, bebericando um jundiaiense vinho artesanal, enquanto a luz de algumas velas doadas pelos fiéis

tracejava porcamente dois garotos simulando um amor teatral para o deleite do padre ultrapopular.

Oh, que delírio! No caminho de volta para nossos apartamentos, como adorávamos interrogar o Escolhido dominical, loucos para saber sobre todas as sensações da última pegação padrística.

Sem penetração. Só esfregação!

* * *

Padre Pop. Ele canta, ele encanta, ele seduz, ele põe você em contato com o Gabriel e seu bando, rapidinho!

Meu Padre Pop, *superpop*. Aquele que promovia seu evento sagrado todos os domingos, sempre às dez da manhã, na igreja das duas Torres Altas, localizada no centro da Cidade Cinzenta.

Atualmente, padres popínicos têm seguidores por toda parte. Pois aí mesmo, na sua cidade, “ele” está aguardando a oportunidade perfeita para te consumir logo após a missa, durante rápidos minutos carregados de um prazer submisso, doente, egoísta.

Não se esqueça: um sorriso e uma piscadela no instante da hóstia consagrada. Esse é o sinal da sacanagem ensinada por eles. Até hoje!

Enquanto isso, no lustre de um castelo, os “ce-ene-bebistas” fingem que tudo é a mais pura invenção.

Meu mundo inteiro já sabe qual é a realidade, mas ninguém assume a coragem de se manifestar como tudo deveria ser feito. De uma vez por todas!

E você aí vai achar que o relato de um invisível funcionário público como eu afoga no delírio de uma tosca ficção.

Tsc, tsc!

* * *

Voaram... os anos. Eu, aqui, caindo de trêpado!

Desculpe meu desabafo mal digitado. Não vou corrigir erros, sequências e concordâncias. A essência da minha verdade está gritada em cada parágrafo.

Atualmente, eu amargo uma vida medíocre, escondido atrás de um casamento medíocre, repleto de mentiras medíocres, sem coragem de me assumir perante mim-eu-mesmo.

Voaram... os ânus!

Ele, meio acabadinho, apesar das “práticas”, tá cantando no Fausto. Um *pot-pourri* dos seus sucessos grudentos.

Hum mil novecentos e noventas. Eu relembro passados.
Mesmo depois de tanto tempo, ele parece me encarar através das telas.
Eu, João de Deus, 38, sou um covarde.
A juventude se foi. Nunca mais dezesseis.
Mas, você, Popíssimo, você sabe da verdade. Da minha verdade...
... da nossa história...
... que ainda não chegou ao fim.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**